

A fase mítico-mística de Bion: formas simbólicas e seu uso na clínica psicanalítica. Reflexão e resenha da *Grade*¹

The Bion's mythical-mystical phase: Symbolic forms and its use in the psychoanalytic clinic. Reflection and summary of the *Grid*

Juliano Fontanari²

"Lemos para sabermos que não estamos sós. Amamos para sabermos que não estamos sós. A mágica nunca termina. Ouso sugerir que: porque Deus nos ama Ele nos dá o sofrimento. Falando de outro modo:- a dor é o megafone de Deus para acordar um mundo surdo. Nós somos como blocos de pedra nos quais o escultor cria as formas de homens. Os golpes do seu formão que doem tanto em nós... são o que nos tornam perfeitos. Não sei se Deus quer que sejamos felizes. Acho que Ele quer que amemos e sejamos amados. Ele quer que nós crescamos. Achamos que nossos brinquedos nos trazem toda a felicidade....E que nosso berçário é o mundo inteiro. Mas alguma coisa, algo precisa nos fazer sair do berçário...Para entrar no mundo dos Outros. Essa coisa é o sofrimento". Retirado do filme "Shadow Lands" - Anthony Hopkins³.

Necessitou-se de um gênio como Faraday para demonstrar a realidade da eletricidade a indivíduos de menor capacidade messiânica, de maneira que a compreenderam o bastante para acender uma lâmpada⁴.

Necessitou-se de um Freud para demonstrar a realidade dos recursos emocionais... de modo que possam receber as comunicações que põem de manifesto estes recursos e possam utilizá-los⁵.

Em resumo, o objeto, que se está interpretando e para o qual se está elaborando a construção, deve estar presente no momento que se supõe que a 'construção' põe de manifesto sua presença⁶.

¹Dados retirados de Two Papers: The Grid and Caesura. Imago Editora, Rio de Janeiro. [Reprinted London: Karnac Books 1989] e La Tabla y la Cesura. Gedisa Editorial. Barcelona, 1997.

²Médico, Neurologista e Psiquiatra (com registro no CREMERS), Mestre em Lingüística - PUC-RS, Psicanalista CEP-PA, Filiado a Neuro-Psychoanalysis Association, Membro Efetivo e Professor do CIPT.

³Lembrado numa conversa a propósito da maldade e de decisões pelo Prof. Dr. Elio Rolim. Consta aqui só para recordar como um modelo, uma analogia uma metáfora silenciosa, tema deste estudo, podem gritar tanto. Além do que a temática do sofrimento e sua tolerância são invariantes da obra de Bion.

⁴La Tabla y la Cesura. Gedisa Editorial. Barcelona, 1997, p48.

⁵La Tabla y la Cesura. Gedisa Editorial. Barcelona, 1997, p48.

⁶La Tabla y la Cesura. Gedisa Editorial. Barcelona, 1997, p48.

Resumo: O autor resenha a *Grade* de Bion, buscando demonstrar utilidade clínica, quer quanto aos aspectos gnosiológicos, quer quanto aos mítico-religiosos no processo de descrição da criação e categorização de formas simbólicas, a partir de seus investimentos emocionais. Atenta para a descrição do uso destas formas no fenômeno clínico e a conveniência em tomar a mitologia e a literatura como fornecedoras de modelos para figuração da *coisa* gerada na relação, em oposição ao uso abstrato da linguagem.

Summary: The author summaries the Grid of Bion, searching to demonstrate its clinical utility, how much in the gnoseological aspects as mythical-religious, searching to demonstrate the description's process of creation and categorization of symbolic forms in its emotional investments. Intent for the description of the use of these forms in the clinical phenomenon and the great utility in taking the mythology and the literature as supplying of model for figuration of the thing generated in the relation in opposition to the abstract use of the language.

Descritores: modelo, abstração, semiologia, visualidade, audibilidade, Palinuro, Ur, Éden, Édipo e Babel.

Keywords: model, abstraction, semiology, visually, audibility, Palinuro, Ur, Eden, Edipo and Babel.

A **Grade** é um texto truncado e curto que *expressa o essencial das conferências dadas nas reuniões da Sociedade de Psicanálise de Los Angeles, em abril de 1971*. Seu interesse, além da notória criatividade que, por si só, estimula a leitura, está em esclarecer mais o início de sua fase conhecida como *místico-mítica* – que chamaremos mítica por simplificação – iniciada, no ano anterior com *Atenção e Interpretação. O Acesso Científico à Intuição (insight) em Psicanálise e Grupos*. A **Grade** examina a obra nuclear do momento gnosiológico de Bion – *Elementos de Psicanálise (1962)*, o qual transcorreu de 1960 a 1967, a partir de seu estágio mítico, o mais tardio. Nos *Estudos Psicanalíticos Revisados*, ele fez o mesmo com a obra da *etapa psicótica*, escrita de 1950 a 1960, quando, em 1967, vivendo seu momento gnosiológico, a revisitou e a dissecou.

O truncado do relato é um modo de expressividade do texto, que compõe uma figurabilidade que se articula com o conteúdo mesmo das partes; exige visualidade para compreensão da proposta; gera grande dificuldade para o leitor e reforça a idéia mítica do conteúdo. Mas o que quer o Prof. Bion? Se devêssemos colocar um parágrafo sobre o tema central, a proposta do trabalho, qual seria? A **Grade**? Claro, mas o que é a grade e o que é esse pano de fundo que revisa o conteúdo da grade? A resposta provisória que *abarca tanto o objetivo da grade como a fase mítica de sua obra é uma teoria das formas simbólicas de uso em psicanálise e que pode apreender o humano no processo psicanalítico*. Ocupa-se, então, de pessoas, historicidade, símbolos e afetos. O presente texto deve ser considerado basicamente uma resenha em todo seu conteúdo, salvo os inúmeros e certos equívocos deste autor. Considere-se, ainda, que os documentos utilizados foram traduzidos livremente do inglês e do espanhol.

Bion inicia assinalando que a **Grade** é um instrumento para ser utilizado por psicanalistas clínicos e não deve ser utilizada durante as sessões⁷. Se o for, isso estará, evidentemente, indicando um sentido específico para a sessão, já que é *memória e desejo de compreender*. A primeira coluna vertical da esquerda, marcada por letras de **A** a **H** e subtituladas, indicam categorias formuláveis e também um *estado de desenvolvimento*, um eixo *genético* como diz em *Os Elementos de Psicanálise*. Como veremos, estas categorias têm duas orientações, duas aberturas espaciais: ‘**A**’ refere-se aos estímulos provenientes do mundo (externo) e ‘**D**’, aos estímulos provenientes do meio interno, de impulsos ou pulsões; isso segue a melhor tradição ocidental (platônica, aristotélica e, especialmente, cartesiana e kantiana). A primeira linha horizontal do alto, numerada de **1** a **6 ...n** e titulada, estabelece o *uso* que se pode dar às formulações da coluna antes referida, agora na melhor tradição aristotélica, em que as categorias são: *ergon* (a língua, a forma) e *energeia* (a fala, os modelos) o *uso*, gerando novas formas. Cada categoria, portanto, pode ser *energeiaizada* (dinamizada) de cinco formas ou mais, caso se queira criar outras. Carlos Amaral Dias⁸ (1999) introduziu a categoria *Decisão* como **6**, antes de *Ação* que ficou como **7**. Bion explica que considerou adequado incluir duas filas separadas, ‘**A**’ e ‘**B**’, respectivamente, para os elementos α e β , nenhum dos quais é real ou observável, sendo que os elementos β *se relacionam com os pensamentos, mas não são pensamentos*. A fila seguinte - ‘**C**’ - corresponde a categorias do pensamento contidas em imagens sensoriais, em geral visuais, como as que aparecem nos mitos, nos sonhos, nas narrativas e em alucinações. Ela está em constante expansão e merece subclassificações na medida do avanço do conhecimento psicanalítico, avanço que se dá apenas com a clínica.

Ele antecipa, abordando o problema pelas beiradas, as linhas **G** e **H**. Como nas filas **A** e **B**, indica que não existe nada na realidade que seja uma realização destas categorias. A categoria **G** relaciona-se com os sistemas dedutivos científicos (psicanalíticos) e a **H**, com os sistemas

⁷ *Em outras palavras, a sessão analítica é algo muito difícil de ser valorado (qualificado, quantificado); as possibilidades da sessão analítica, a experiência emocional direta estão quase fora do alcance de quem quer que se importe com valores. O que os outros podem nos dizer sobre o paciente não vale nada em comparação com o que o próprio paciente nos diz, de modo verbal ou por suas atitudes, seus gestos (La Tabla y la Cesura. Gedisa Editorial. Barcelona, 1997, p.167).*

⁸ *O Negativo ou o Retorno a Freud*. Fim de Século Margens, Lisboa, 1999, p.127.

abandona a discussão deixando em aberto o lugar da consciência na psicanálise, que perpassa justamente o problema da mentira. As colunas **3**, **4** e **5** referem-se ao **conhecimento**. A coluna **3** aproxima-se da idéia de memória, *notação*; a **4**, de *atenção*, no sentido de *atenção flutuante* e a **5** é a mesma coluna **4**, depois de ter encontrado um objeto particular: *inquirição* ou *investigação*. Estas colunas, portanto, representam um espectro da atenção-consciência que vai desde a memória e o desejo, passando pela atenção flutuante, de um foco num objeto particular, até o senso oceânico da atenção flutuante.

A coluna **6**, diz Bion, corresponde a uma categoria de **pensamentos** estreitamente vinculados com a ação ou que são **transformações em ação**; pouco comentada comparativamente às outras cinco: em **K**, em **O**, em **alucinação**, **projetiva** e em **movimento rígido**. É uma categoria complexa como a linha **C** e a coluna **2**, a qual Bion esperava que desse conta do *acting out* e de seus similares (*enactment*, *acting in*), mas logo percebeu a dificuldade e acabou por sustentar que, de qualquer modo, a **Grade**, mesmo com os inúmeros defeitos, pode ajudar na manutenção da atitude crítica no trabalho analítico.

	Hipótese definitiva 1	ϕ 2	Notação 3	Atenção 4	Investigação 5	Ação 6	...n
A Elementos β	A1	A2				A6	
B Elementos α				B4			
C Pensamentos oníricos, sonhos e mitos				C4			
D Pré-concepção							
E Concepção							
F Conceitos			F3	F4			
G Sistema dedutivo científico							
H Cálculo algébrico							

Quanto às **intersecções** entre as colunas, com a pragmática do uso e as linhas com seu padrão genético, a primeira dificuldade aparece com a intersecção entre a coluna **6** e a linha **A**. Como criar limites para uma categoria que não seja pensamento – como definir, enunciar uma hipótese definitiva, que não seja pensamento? Bion argumenta do seguinte modo: assim como Descartes não pôs em dúvida – omitiu-se, diz – a necessidade da existência de um pensador no seu *penso logo sou*, que seria a única coisa de que não se poderia duvidar, acredita, em atenção à clínica, na existência de uma *personalidade sem pensamento*. *Na verdade é pensamento, mas instantaneamente transformado em ação*, ação que é usada como substituto do pensamento e não como prelúdio do pensamento; na área do passado, o *repetir* para não recordar. Bion cita Keats que

experiência humana, a experiência de estar vivo, dito de outro modo, a consciência do *númeno* e do *fenômeno* kantianos. Este tipo de transformação não é visível, exceto pelos pontos de chegada que permitem inferir que se deu a transformação, quando se dá o encontro consigo mesmo, preservadas as idéias consensuais de númeno e fenômeno, permitindo que a pessoa seja quem ela realmente é, conseguindo casar-se consigo mesma - *at-one-ment* - palavra intraduzível, derivada do termo religioso *atonement* que significa redenção, reconciliação, concórdia, religião, estar junto (religar, religião) e que, no nosso meio, é conhecido como o Dia do Perdão: Yom Kippur.

sustenta a necessidade de suportar as meias verdades, o desconhecido, os mistérios como algo essencial para acessar *a linguagem do sucesso (lucro, ganho, desenvolvimento)*.

Antes de seguirmos adiante, vamos repassar, sumariamente, os elementos que dinamizam a grade, expostos no capítulo oito de *Os Elementos de Psicanálise*.¹⁰ Assim posta, a **Grade** está desvitalizada e não expressa o vigor descritivo da experiência e do desenvolvimento emocional. Bion assinala que é a relação *continente conteúdo* constituída, espaço operativo da identificação projetiva, que dá conta do desenvolvimento e do ordenamento genético de **A** a **H**. Estas categorias todas apresentam relações mútuas, em que cada uma depende de modificações na categoria anterior, fazendo-as operar tanto como *pré-concepção* quanto como *notação* – o que quer dizer que, para manterem-se áreas conceptuais insaturadas, é necessária a tolerância à frustração, sem o que não há crescimento. Este espaço *continente conteúdo*, determinado e mantido pela identificação projetiva, é colorido pelos vínculos **H** (*hate*) **L** (*love*) e **K** (*knowledge*). No sistema das colunas, quanto ao uso que estas categorias terão, provavelmente, diz, o sistema que opera é o da *fuga* ou da *modificação* da frustração, do *prazer* ou *desprazer*. O processo de mudança de uma categoria para outra é descrito como *reintegração* ou *desintegração* **EP** \leftrightarrow **D**, sendo que a benignidade – em relação ao crescimento ou não – depende da natureza dos elos dinâmicos **H**, **L** e **K**. Então, para *crescimento*, *complexização*, *desenvolvimento*, *expansão ao infinito* da mente, para o salto de uma categoria para outra, salto sempre intermediado pelo *aprendendo pela experiência emocional*, é necessária essa tramitação entre estes vínculos e a oscilação **EP** \leftrightarrow **D**.

Agora, inicia propriamente a fase mítica do texto. Bion, a fim de demonstrar para que pode servir a grade, apresenta exemplos de *formulações* correspondentes à linha **C**. (1) O mito edípico; (2) o enterro no Cemitério Real de Ur, aproximadamente em 3500 a.C.; (3) o saque à tumba do rei Ur, 3000 anos a.C.; (4) o problema da Árvore do Conhecimento no Jardim do Éden; (5) a Torre de Babel; (6) a Morte de Palinuro. Todas estas histórias, míticas ou não, tem qualidades pictóricas muito vivas. Vamos resumir o enterro do Rei Ur¹¹ e a Morte de Palinuro (Virgílio, Eneida V).

O cortejo real era constituído pela rainha, príncipes, princesas e pela corte. Todos, drogados com haxixe, dançando, vestidos com as melhores e mais preciosas roupas e jóias, desciam a rampa do Fosso da Morte, uma câmara funerária real, onde, adormecidos, eram soterrados vivos pelos sacerdotes da cidade de Ur, a pátria de Abraão. O lugar eleito para o enterro era o depósito de lixo da cidade que, de depósito de detritos, virava lugar santificado, tabu, amaldiçoado, talvez para impedir a cobiça. Depois, com a falta de novos enterros, voltava a ser depósito de lixo. Tratava-se de uma festa maníaca, uma viagem eterna na companhia do rei morto. Provavelmente o primeiro enterro deu-se em 3500 a.C. Esta postura grupal de tabu, de terror à investigação baseava-se em crenças mítico-religiosas e prolongou-se durante 500 anos, quando aconteceu outra procissão ao lixo da cidade de Ur. Ladrões ousam contra as maldições dos tabus, invadem e saqueiam o Fosso da Morte, levando jóias e tesouros preciosos nela enterrados.

Bion pergunta: *O que havia na mente dos saqueadores?* Mesmo 500 anos não eram suficientes para dissipar o temor e o risco que os saqueadores tiveram de enfrentar. Os componentes do grupo **A**, conforme a denominação de Bion, eram donos de imensa força emocional, cultural e religiosa que impôs a ação, que os conduziu inexoravelmente à morte, sem que o temor os detivesse. O grupo **B** demonstrou o poder do lucro e, diz, talvez lhe devêssemos um lugar destacado como precursor da Ciência, num domínio que fica na posse da Magia, da Religião e dos Mortos. Esta idéia é mais pictórica ainda na profanação de corpos para dissecação – Fossa do Rei Ur –, na Idade Média, primeiro para o domínio da anatomia para a arte e, depois, para a ciência. Faltou o

¹⁰ Bion, W.R.(1963) Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1966, p150.

¹¹ Bion retira os dados do Museu Britânico e do Museu da Universidade de Pensilvânia, a partir de dados reconstituídos pelo arqueólogo inglês Sir Leonard Woolley (1880-1960), de 1922 a 1934, na cidade de Al-Muqayyar, atual Iraque. A repetição deste cerimonial deu-se no enterro de, pelo menos, dezesseis reis, no período de 2500-2000 a.C.

passo intermediário da arte, mas, de qualquer sorte, Bion assinalou que o consultório da analista deveria ser chamado *atelier*.

Ele assinala que as imagens pictóricas **A** e **B** representam a totalidade do domínio habitual do psicanalista. Assim postas, as imagens estão cristalizadas, mas se forem desarticuladas, os elementos que as compõem, soltos, incoerentes, poderão ser rearticulados em novas formalizações, novas *hipóteses definitórias*. Então, **os fatos que merecem atenção são os que introduzem novas ordens nesta complexidade**. Bion aponta que criou uma nova ordem de fatos separados por 500 anos. Discutindo a idéia de tempo que separava estes fatos e a excluindo, **pergunta se não existiria, na atualidade, uma força equivalente em ação capaz de esconder a morte certa que adviria no Fosso?** Uma criança poderia, por ignorância, se expor a isto. Mas seria a ignorância (não-K, menos-K) explicação suficiente? Ou existe outra força, esta positiva, que chamamos religião? E o grupo **B**? A perspectiva da riqueza explicaria o desafio aos tabus, aos mortos, à Magia, que teve de ser superado pelo saque? Que droga operava já nas pessoas antes da morte do Rei Ur, mas que parece ter sido ingerida apenas no momento do enterro? E que droga ingeriram os membros do grupo **B**? Foi curiosidade?

Que coragem seria necessária para enfrentar aquelas forças assassinas – ou foi simplesmente o amor ao ganho? Como os ladrões alcançaram o conhecimento que os habilitou, 500 anos depois do fato, a cavarem suas pás na terra com tanta precisão, de modo a achar a Tumba? Foi sorte? Encararíamos nossa hierarquia religiosa como descendente espiritual dos sacerdotes de Ur? Erigiríamos monumentos aos saqueadores das Tumbas Reais como pioneiros da Ciência, de mentalidade tão científica como nossos cientistas? Ou consideraríamos os cientistas de hoje merecedores de reprovação por sua cobiça?(p.20).

Bion mostra como procede, como pergunta, como junta o semelhante – a droga que ambos os grupos ingeriram - e separa o diferente – a submissão prazerosa à religião e à morte e a curiosidade capaz de enfrentar tamanha força – na melhor tradição platônica. Ele aponta aquilo em que eles transformaram-se, ficando sempre no limite da pictoricidade para expressar forças não visíveis, expressas pela palavra *droga*, uma que realiza a Magia e outra, a Ciência. Aparece em Bion um conceito relevante e pouco referido, o de *analogia* relacionado aos de *vértice*, *invariantes* e de *simetria*, *atitudes simétricas* que condensam e compreendem restos de palavras como no caso do paciente gago de Bion, adiante descrito; civilizações, como os vários momentos dos despojos de Ur; fragmentos de obras de arte, Bion lembra, a propósito da ‘*tradução*’ do figurado ao verbal ou do verbal ao figurado e depois a outro verbal, que Pound errou de modo ridículo algumas traduções do latim. Ou se aceita que nós humanos erramos, ou, numa *atitude simétrica*, pode-se tanto *elogiar* o esforço de Pound como *injurá-lo*. Estes contrastes e recombinações são relevantes para compor uma experiência viva diferente no presente vivido. A simetria de *crueldade* está em *bondade* e *piedade* e resulta do intelecto e não da sensorialidade, do momento; pois no instante da sensorialidade só cabe a assimetria.

Ele alerta para a hostilidade atribuída à deidade pela árvore do conhecimento no Jardim do Éden, expressada novamente na confusão de línguas na Torre de Babel, e considera que as idéias de **onipotência** – Será adequada a palavra? Onipotência em querer ser Deus, se nós o criamos? – e **curiosidade** (K – *knowledge*) são bons *fatos selecionados* para estes problemas. Para Bion, as chamadas leis científicas são vulgarizações de algo que o *cientista místico* pode acessar diretamente. É como se a ciência simplesmente tornasse visível a todos aquilo que o cientista místico. O *dogma religioso* é uma vulgarização de algo a que o *místico religioso* tem acesso direto. Veja-se o uso da palavra místico adjetivado como religioso e como científico. A função do *establishment* Científico e Religioso é *proteger o místico da destruição e a comunidade dos efeitos destrutivos do místico*.

As cinco estórias constituem uma galeria pictórica verbal. Com uns poucos agregados que recolho de leituras em geral, oferecem modelos para quase todos os aspectos das situações emocionais que eu mesmo observo no domínio onde se interconectam a prática psicanalítica e as teorias psicanalíticas (p.21).

Destas figurações,¹² Bion retira as seguintes conseqüências (p.21):

As formulações religiosas que separam o bem do mal não possuem a significação do princípio indiviso que reside na deidade. Estou convencido de que na prática psicanalítica, a experiência emocional se apresenta como padrões com constante mutação. Se o analista desenvolve sua capacidade de intuir estas experiências, notará que algumas delas estão constantemente conjugadas e que estas conjunções constantes são vividas como conjunções repetidas... depois de um tempo elas se manifestam ante o analista – caso ele resista a irritante busca de certeza – como uma mudança sensorial caleidoscópica; essa mudança sensorial apresentará semelhanças com os elementos da categoria C que se encontram entre seus modelos (de uso pelo analista).

Bion alerta que, ao contrário do que pode parecer, não se trata de encontrar no *conteúdo* ou na *interpretação*, a *experiência emocional vivida* na sessão, pois isto já é submeter-se à *memória*¹³ e ao *desejo* e ao *desejo de compreensão*. **O analista deve deixar advir à figurabilidade sua própria bateria de elementos da categoria C: seus mitos, sonhos e pensamentos.** Ele indica que o analista deve desenvolver seu poder de intuição e mantê-lo sempre em boas condições, pois disto depende a sensibilidade e a aplicabilidade de modelos e teorias aos fatos a serem interpretados. Acrescente-se a isto, para o trabalho analítico, que as teorias clássicas kleinianas não oferecem dificuldades e que o analista conhece o princípio freudiano - o que se observa deve ser nomeado - pelo qual está obrigado a dizer o que observa, a declarar o que vê, sob pena de descumprir a regra fundamental: *amor à verdade*.

O exemplo de Ur é um valioso e criativo modelo arqueológico, que contém o passado – o enterro – e o presente – o saque -. É um modelo que vai além do modelo arqueológico freudiano, pois nos inclui na necessidade do saque e na busca de ressignificação e construção de significados, em que temos de dar conta de experiências emocionais. Todos nós humanos estamos às voltas com a deidade - terror sem nome -, é um pouco como passear num cemitério em noite de tempestade. Cabe à tarefa analítica permitir-se operar como uma tela (*tela beta*), na qual se dá a sedimentação figurada de observações e propostas de futuro, que, na dependência de novos vértices psicanalíticos de conhecimento, só posteriormente farão sentido. Bion, além de discutir os problemas e modelos da historicização arqueológica, olha para o futuro e discute os problemas da profetização, sem o que não haveria enterro em Ur.

Bion segue adiante, agora com o relato de um paciente para exemplificar a categoria **F3**, definida como tal pela complexidade e pela elaboração posterior. A questão está posta no fato de

¹² De fato, na experiência clínica, as mudanças que observamos têm este colorido emergente, figurado, que nos surpreende e vem de nossa interação com o paciente. É algo como a experiência mística desacompanhada de misticismo – medo admiração ou terror.

¹³ *Tenho seis honestos servidores
que me ensinaram tudo o que eu sei
Se chamam Quê e Por quê e Quando
e Como e Onde e Quem.
Eu os envio por terra e por mar;
Os envio ao leste e ao oeste;
Porém, depois que trabalharam para mim,
A todos eles eu mando descansar.
(Kipling, Rudyard: *The Elephant Child*, “Just So Verses”).*

que **o paciente comunicava sem falar**¹⁴, ele era gago e tinha episódios de gagueira durante os quais era impossível falar. Bion escutava com *atenção*, como era *atenção dirigida*, deveria ficar na coluna **4**, mas em que fila, **B** ou **C**? (veja na grade acima). Bion não conseguia entender as gagueiras e os sons emitidos, depois compreendeu que *estivera escutando com memória e desejo: com a expectativa de que o paciente falava, mas que não havia ouvido aquilo que se poderia ouvir*. Relata que interpretou os sons do paciente como ruídos de ambas as extremidades do canal alimentar e discute como modelizou seu relato do paciente, apontando que, se tivesse usado mecanismos convencionais para transmitir o relato desta parte da sessão, a formulação na grade corresponderia a **F3**, mas, como acompanhava de **atenção** e **dúvida**, seria mais bem representada por **F4** (veja na grade). O chamativo do episódio *era sentir a inutilidade de aguardar que alguém lhe dissesse o que queria quando lhe era impossível falar*. Para dar conta destas dificuldades, Bion relembra a necessidade de *não se ensurdecer com o barulho do que o paciente não diz ou não faz!* Leva o problema à *analogia expressa* pelo fato de que, mesmo com anos de prática psicanalítica, é impossível falar de psicanálise.

Uma vez abandonada a memória – diferente do exercício médico – a evidência que se manifesta em contato com a *personalidade* do analisado exige que se tolere a *permanente oscilação da posição esquizo-paranóide à depressiva* ou da *paciência à segurança*, que propõe como as descrições mais precisas das flutuações do ambiente analítico. A tentativa de pensar a personalidade dos pacientes leva a que se tenham idéias que parecem muito especiais, *novas idéias*, ou que simplesmente se sinta que existe uma idéia, mas que ela não emerge. Estas idéias parecem compartilhar material de C3, elas desaparecem completamente como um sonho e passam a não ser mais lembradas, porém poderiam sê-lo se a atenção se voltasse plenamente para a personalidade do paciente. Bion continuou aportando *mais pensamentos conseguidos graças aos estímulos produzidos por estas e outras sessões*¹⁵ daquela época. Então, já assim *foram construídos*, não são dados que se possam colocar na coluna **3**, mas sim sonhos, devaneios atuais sobre os devaneios anteriores - a *inibição* para o devaneio, que ocorre para evitar a mudança catastrófica¹⁶ - talvez fosse de situá-los na coluna **2**. Ele cita as conhecidas experiências de Poincaré e Max Planck sobre suas vivências com a criatividade e com fatos novos e insiste que, uma vez notado o efeito obstrutivo de pré-concepções, a análise dos pacientes adquire características mais vitais, sempre associadas à maior capacidade de perceber o não-verbal. Descobriu então que, na medida em que se *cegava artificialmente* no dizer de Freud, as tentativas que o paciente fazia de falar não lhe chamavam mais a atenção. Considerada a elaboração do paciente, aqueles ruídos eram um conjunto de ruídos grosseiros e, diz Bion, se tivesse percebido antes, *teria notado que aqueles ruídos eram a elaboração de um virtuoso*.

Durante algum tempo, Bion formulou a idéia que os ruídos eram a formulação de uma só boca e compreendeu que havia um suposto equivocado: *o de que a personalidade de uma pessoa correspondia a estruturas anatômicas visíveis da pessoa*. Formulou interpretações derivadas da idéia que os ruídos vinham de sua boca, sua garganta e seu ânus e que as três áreas estavam tentando falar, cada uma se impondo às outras, como se ele fosse o homem orquestra de sua infância, um homem que, com movimentos de braços, cabeça e pernas, imitava uma orquestra. Este

¹⁴ ...O bebê não pode utilizar a linguagem articulada, de modo que existe uma grande fenda entre o bebê que conhece os fatos e nós que conhecemos a linguagem. Podemos nos identificar com a pessoa que é potencialmente capaz de usar a linguagem articulada; também podemos – e assim eu acredito – conservar certas características fantasmáticas que conhecem coisas ignoradas por nós, porém que não estão verbalizadas (*La Tabla y la Cesura*. Gedisa Editorial. Barcelona, 1997, p.172).

¹⁵ Note-se o enfoque pelo qual as sessões são construídas e o material que estimula a mente do analista!

¹⁶ *Catástrofe: acontecimento súbito de conseqüências trágicas e calamitosas, grande desastre ou desgraça; calamidade. No teatro, na tragédia clássica, conclusão ou consumação da ação trágica; acontecimento principal, decisivo e culminante da tragédia, no qual a ação se esclarece inteiramente e se estabelece o equilíbrio moral; o fim funesto decorrente da ação trágica: (Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. São Paulo, Editora Nova Fronteira, 1999).*

modelo era capaz de ajudar no contato com o paciente. Supôs então a existência de objetos internos (F4) que disputavam o uso anatômico da fala, mas talvez o paciente sentisse estes objetos fora dele. Bion transpõe, de novo, este problema para a comunicabilidade do fato psicanalítico: *o paciente não tinha o domínio da palavra e, quando arranjava algum, só conseguia dizer a verdade*. Alerta que ele mesmo se enganara sobre o *fato em si*, considerando que o paciente trabalhava como químico em más condições, cumprindo a distinção entre engano, mentira, mentira patológica e o uso da imaginação mentirosa na arte. *A principal razão em discutir o problema da mentira está em que ela produz um efeito tóxico, não só sobre o desenvolvimento mental individual, mas também sobre o desenvolvimento de grupos inteiros*. Desconsiderar a importância da mentira, quer no individual, quer nas instituições, vai contra os próprios psicanalistas.

Voltando ao paciente, Bion propõe que se o psicanalista tenha conseguido se livrar das tensões na área psicanalítica e dos problemas cotidianos de sobrevivência e está tranquilo em seu consultório, talvez ele consiga ver o que segue. O paciente ficava longuíssimo tempo sem poder falar e, **à medida que aprendeu a silenciar seus pressupostos, Bion descobriu que podia reconhecer a evidência que estava presente em lugar de lamentar o que (a fala) estava ausente**¹⁷. Quando os ouvidos acostumaram-se ao silêncio, os pequenos sons fizeram-se audíveis. Deu resultado e começou a escutar ruídos antes ausentes. À medida que a análise prosseguia, a gagueira foi interpretada como parte da dramatização de três pessoas em uma casa, o trio mais óbvio era o Pai, a Mãe e o Filho. Bion refere que nunca conseguiu encontrar a maneira de transmitir a alguém, que não esteve presente, as mudanças que se produzem constantemente numa série de sessões ou dentro de uma mesma sessão, ele desistiu de conseguir provar que é assim e, com o tempo, aprendeu que não existe substituto para a psicanálise mesma. Recorda uma *analogia* feita por Freud... *sobre cegar-se artificialmente para poder ver a mais débil cintilância*.

Estes relatos têm o valor de oferecer formulações verbais sobre imagens visuais. A imagem visual tem um grande poder de comunicação por colaterais, mais do que a comunicação verbal, em especial a escrita, embora esta perdue no tempo. O quê podem a fonação, os sons de um gago transmitir? Bion conseguiu ouvir a fonação, os elementos β - audíveis em discursos como os feitos por Hitler, em uma língua estrangeira, a qual não entendemo. Ele cita inúmeras situações em que os sentimentos das pessoas não mudaram, estão latentes apenas pelas circunstâncias, um bom exemplo disto é nosso verniz social. Nossos sentimentos estão cobertos por uma capa de civilização que, em geral, não oculta as forças subjacentes, embora lhes possa dar aparência diferente. A idéia de Bion é que a personalidade do paciente se *expandira* de modo a dar lugar a inúmeros objetos internos que sequer habitavam seu corpo. A personalidade pode ter certa analogia com os vasos sanguíneos capilares que, em condições normais, estão latentes, porém, numa situação extraordinária como um choque cirúrgico, podem dilatar-se. Às vezes o analista percebe com clareza que os limites de uma personalidade não coincidem com os limites anatômicos da pessoa. A superestimulação do social do indivíduo, sua capacidade de conduta consciente e civilizada deslocam-se para o inconsciente, levando a situações em que a análise fica na periferia do tema principal. O paciente continua em tratamento, mas insiste que ele de nada lhe adianta, este reclame não é fútil nem resistencial. Se fosse uma criança, diria *que faço agora?* Pois vê que a coisa não está se dando conforme combinado. Isso mostra um problema que, dentre inúmeras vertentes, pode ter alguma relacionada com a formação dos analistas, tão boa que, quando se tem algum problema difícil, recorre-se a

¹⁷ *É difícil dizer como despojas a mente de preconceções, recordações e desejos que fazem tanto barulho que não permitem escutar o paciente que fala, pelo menos não o paciente que necessitamos ouvir falar. Na minha experiência, o ruído de meu passado tem tantos ecos e reverberações que é difícil saber,, se em verdade, estou escutando ao paciente ou me distraindo com algum fantasma do passado. Tive a experiência de ver um adolescente e pensar para mim: é muito estranho, pronuncia umas palavras e senta-se ali com essa expressão boba. Não podia descobrir de quem me recordava. Na manhã seguinte, enquanto me barbeava, olhei no espelho e vi por que ele me resultava tão família. Eu supunha que este jovem era um adolescente e não um analista, um adolescente que não poderia me ensinar nada. Eu supunha que eu o estivesse analisando. Na verdade, porém, ele estivera sustentando um espelho nele, onde eu poderia ter visto o meu rosto, mas eu não o reconheci (La Tabla y la Cesura. Gedisa Editorial. Barcelona, 1997, p.166).*

alguém que entende e tão má que destrói toda a capacidade de iniciativa e investigação. O problema ou o objeto de curiosidade deve ser focado simetricamente: *demasiado boa, demasiado má*. Não é um conflito, é uma *relação simétrica*. Estamos às voltas evidentemente com problemas que entornam a questão da *consciência* e da *mentira*. Bion enfoca várias respostas possíveis a esta questão e desenvolve vários argumentos sobre a dificuldade de abordar este problema.

Sobre a teorização de modelos semiótico-semânticos

O *problema* ou o *objeto da curiosidade*, no domínio da personalidade, deve ser focado *simetricamente*, de modo análogo à visão bifocal no domínio da indagação visual. O ‘*aparelho*’ da *intuição*¹⁸ não pode expressar-se em termos da experiência *sensorial*, essencialmente homogênea. Duas paralelas encontram-se no nível da experiência *sensorial*, mas não no nível da *personalidade*. As *construções* psicanalíticas, diferentemente das *interpretações*, são essenciais para se demonstrar a *simetria* (na qual se pesam, sem conflito, várias vertentes expressas numa *figuração*), um componente sensorial deste aparelho é a imagem visual. A *construção* – elemento **C** – é *polivalente* e mais operativa que a *interpretação*, o que é *monovalente*, e que os elementos **F** e **G**.

O uso de elementos **C** pelo analista é muito importante no caso de trabalho com material primitivo, especialmente com pacientes em que *uma consciência lenta, rígida e pesada perseguisse a um inconsciente extremamente ativo, flexível e veloz*. Bion discute então o termo *analogia*, as metáforas silenciosas como a destacada em itálico na frase anterior. O relevante é prestar atenção na relação assinalada entre os dois elementos da *analogia*. Estas metáforas – como a da arqueologia – são construções fundadas no que Bion chama de *polivalência da simetria* e passa, ao invés de *historicizar* – *arqueologicizar* – a *profetizar*, tornando pertinente então a pergunta sobre o *futuro de uma analogia, de uma ilusão*, a propósito de Freud, a quem cita, referindo as *construções* no *Futuro de uma Ilusão*¹⁹ e sobre o *futuro de uma transferência*. Se organizássemos as palavras²⁰ pela ordem crescente de expressividade emocional destas construções simbólicas, o espectro seria o seguinte: origem (geração²¹) – analogia – transferência – delírio – ilusão – ilusão coletiva – alucinação – assimetria²² – degeneração. Os **elementos C** são utilizados por alguns pacientes, como o gago, como se fossem características essenciais da analogia, mas não é assim, eis que a boca e o seio só tem importância para definir o tipo de relação que os une. Se avançarmos numa analogia *seio peito* e *analista analisando*, veremos que a *interpretação* ou *construção* produzida pelo analista depende

¹⁸ *Suspeito que exista uma contraparte do nascimento de idéias, que alguma razão existe para imaginar que estas penosas experiências que temos relacionam-se com o processo de dar nascimento a uma idéia ou de lutar por estabelecer uma conexão, que é uma forma de pensamento. É possível que uma instituição, uma sociedade de seres humanos, seja incapaz de sobreviver às dores do parto de uma idéia; desagrega-se. Sem dúvida, somos negligentes com nossos partos psicológicos. É como se acreditássemos que o que se deve fazer com uma idéia recém nascida é lhe dar uma boa bofetada (La Tabla y la Cesura. Gedisa Editorial. Barcelona, 1997, p. 179).*

¹⁹ *Quando digo que todas essas coisas são ilusões, devo definir o significado da palavra. Uma ilusão não é a mesma coisa que um erro; tampouco é necessariamente um erro. A crença de Aristóteles de que só insetos desenvolveram-se do esterco... era um erro... Seria incorreto chamar estes erros de ilusões. Por outro lado, foi uma ilusão de Colombo acreditar que descobriu um novo caminho marítimo para as Índias. ... O que é característico das ilusões é o fato de derivarem-se de desejos humanos. Com respeito a isto, aproximam-se dos delírios (Standard, O Futuro de uma Ilusão, 1927, p.44).*

²⁰ *Gostaria de sugerir que, se alguém reconhece os vestígios, os remanescentes de uma cultura que aflora na conversação que tem lugar no seu consultório, que abandone as pás e use com todo o cuidado os pincéis de pêlo de camelo para que se esboce a civilização a que pertencem aqueles vestígios, uma relíquia que acaba de ser descoberta. Exemplifiquei antes com a situação em que não encontramos mais que conjunções e nada com que uni-las. Falta a idéia com a qual se deveria conectar o que esta flutuando no consultório (La Tabla y la Cesura. Gedisa Editorial. Barcelona, 1997 p180).*

²¹ O tema não é mais desenvolvido, é possível que se refira a *númen*, o no sentido de Kant.

²² *Simetria* refere-se à experiência fenomenológica, intelectual. A *assimetria* refere-se à experiência sensorial, β , *numênica*, fenomênica, daí seguir-se de degeneração, perda da vitalidade.

do vínculo intuitivo – da relação – entre o analista e o analisando – nasce neste espaço e em nenhum outro lugar – os demais são os elementos apenas. A finalidade da **Grade** é constituir-se em um instrumento de ginástica mental para dar conta da *figurabilidade* destas relações, isto é, ocupa-se da descrição da forma e não dos conteúdos. Bion recomenda muita atenção aos pontos de apoio, na analogia dos **elementos** com a **relação**, e à eventual rigidez deste padrão de articulação. O analista deve estar atento à *frequência* de acesso dos pacientes: é universal o conhecimento de que alguns pacientes só nos ouvem num tom afetivo, às vezes num tom musical, de modo a compor um dueto. Características visuais dos pacientes também podem exigir acessos específicos, é muito comum a formalização exigida ser mecânica.

Estes fatos indicam que o analista não deve limitar-se apenas à linguagem, porém deve limitar-se à comunicação? Freud assinala que se deve evitar o *mascaramento simbólico*, mas o quê fazer com estas *revelações simbólicas*? Neste sentido, então, todos os poemas épicos, toda a mitologia contém estas revelações simbólicas. Bion sugere que os psicanalistas devem tomar muito a sério as *ilusões* e acredita que, nesta área em particular, a *interpretação* (como oposta à *construção*) da *onipotência* é especialmente inoportuna, pois inclusive desconsidera como estes termos simétricos – *impotência* e *onipotência* – representam mal estes complexos fenômenos de *crença*, *convicção* e *religião*. Os místicos e seus relatos, os textos religiosos e artísticos oferecem construções importantes para acessar ao que chamamos onipotência. É difícil aceitar a vida, porque uma de suas características essenciais é a frustração. O termo onipotência – grandiosidade –, em contraste com uma *construção* histórica como a de Palinuro, é muito abstrato para dar idéia *da coisa onipotência* que interessa ao psicanalista. *Onipotência*, *onisciência* e *deus*, juntamente com os elementos simétricos *impotência*, *incompreensão* e *agnosticism*, são as formulações abstratas do grupo básico. Segue a história de Palinuro com a função de figurar, dar a versão em elemento **C** desta formulação verbal em figuração, visualidade.

A Morte de Palinuro²³

Necessitou-se de um místico para demonstrar a existência de deus às pessoas que carecem destes dotes, de modo que a compreendam o suficiente para saber como e quando pôr em marcha o rito da magia apropriada (La Tabla y la Cesura. Gedisa Editorial. Barcelona, 1997, p.48).

²³ “Da celeste baliza ao meio a noite Já rorida atingia; de cansaço Por duros bancos a maruja os membros Em seus remos pousava: é quando o Sono Do éter sidéreo plácido escorrega, 865 Afugenta e dissolve a espessa treva; Busca-te, Palinuro, a ti mesquinho Funestos sonhos traz: na popa, em Forbas Transformado, se assenta, e arteiro fala: “Íaside Palinuro, ao som das águas 870 Desliza a frota; a viração é certa; Encosta a fronte, as pálpebras descansa, Furta uma hora ao trabalho: espaço breve Tomo o teu cargo.” Palinuro os olhos Descerra a custo: “Queres que eu, lhe torna, 875 Cria em tal monstro, em céu risonho estribe? Que entregue Enéias a traidores austros?” Em discursando, ao clavo mais se aferra, Fito os astros contempla: as fontes ambas Eis lhe borrija, em Letes embebido, 880 Por força estígia um ramo soporado; Nadam-lhe os frouxos renitentes lumes. Indo-lhe adormecendo o corpo laxo, Morfeu se achega; ao líquido elemento, Com pedaço da popa e o leme, o empurra: 885 Despenha-se ele, em vão clamando aos sócios; O deus nos ares desapareceu. Inda assim, em Netuno assegurada, Sulca impávida a frota o plaino amaro: Já remonta os cachopos das Sereias, 890 Que, então riscosos, de ossos alvejavam; Roucas do salso choque as rochas soam. Sem piloto à matroca o barco Enéias Sente, e em pessoa por noturnas ondas Magoado o rege, lamentando o amigo: 895 “Ai! nu, que em céu fiaste e em mar tranqüilo, Jazerás, Palinuro, em praia ignota”. *ENEIDA* Publio Virgílio Maronis (70 AC-19 AC) Tradução Manuel Odorico Mendes (1799-1864) Versão para eBook eBooksBrasil.com Fonte Digital Digitalização do livro em papel Clássicos Jackson, Vol. III Digitalização confrontada com a edição de 1854, disponível na *web* em rtf no “Projeto Odorico Mendes” www.unicamp.br/iel/projetos/OdoricoMendes Capa: Le récit d’Enée - Charles Antoine Herault (Paris, 1644 - 1718) © 2005 — Publio Virgílio Maronis.

Aliviadas por Netuno as ansiedades de Enéas, a frota aproveita a calma que segue à tormenta e é guiada pela nave de Palinuro, o piloto. Os marinheiros dormem. O deus do sono elege Palinuro com o propósito de provocar maus sonhos. Apresenta-se com a aparência de outro deus, senta-se na popa e tenta que Palinuro durma. O mar está sereno e ele mesmo vai cuidar do timão. De modo desdenhoso, afirma que nunca dormiria com um mar tão traiçoeiro e que jamais poria em perigo a frota e seu comandante. O deus irritado, arranca-o da popa, joga-o no mar e o afoga. Enéas encontra a nave à deriva, toma o timão, e fica entristecido com o comportamento relapso de Palinuro.

Este modelo, diz Bion, presta-se a inúmeros usos: (1) se o paciente manifesta ansiedade sobre drogas – sono e *craving* – a tentação ao sono e a compulsão de Morfeu; (2) a dor de um tratamento injusto, embora a dedicação ao seu trabalho – veja-se o que Enéas pensou de Palinuro; (3) a idéia do acaso e das forças da natureza, pulsionais inclusive, que impedem o exercício da vontade; (4) a falta de medida ao desafiar o poder mítico da religião e suas conseqüências - *dê um pouco para deus* - onipotência e impotência. E outros usos mais. Bion assinala que estes modelos **C**, extraídos desta história, fazem a intermediação entre a teoria e o paciente mesmo.; A seu juízo, os psicanalistas têm muito poucos modelos **C** de *impotência* e *onipotência*, que se poderiam melhorar se recorrêssemos aos mitos de Éden, de Babel, da Esfinge e de Édipo, como modelos em que aparecem *conjunções constantes entre onipotência e impotência*. O uso destes modelos desfaria a brecha entre a teoria e o material clínico da experiência psicanalítica.

A premissa das abordagens psicanalíticas é a possibilidade de construções teóricas **F** derivadas do material que se constitui de **C**. E também o reverso. É a permanência destas invariantes – material igual – que permanece no material observado e na construção científica que tanto caso cria para a cientificidade da psicanálise. *A psicanálise não alcançou um ponto que permita sua sistematização e a comunicação efetiva de seus sistemas teóricos sem a presença dos objetos que têm de ser demonstrados por estes mesmos sistemas*. Que invariantes persistem quando os objetos mudam de uma fotografia de uma fonte romana para uma partitura de Mozart?

Que invariantes têm em comum a Morte de Palinuro com o paciente gago? Que regras devemos usar para que seja razoável esperar que analisado e analista se compreendam?

É possível treinar alguém que fale uma língua moderna para que compreenda a representação de Eneida de modo a, na tradução poética, manter as invariantes comuns?

A função analítica é esta *tradução que apóia a transformação em O*. O analista, o pintor, o músico e o escultor – daí a idéia de que o consultório deveria ser chamado *atelier* ou que os grandes escritores que nos marcaram foram psicanalistas - têm de ver e demonstrar a verdade para que outros a vejam, uma verdade que impressiona como feia e atemorizante – cabeça de medusa – daí se identificar o feio e atemorizante com a verdade. Bion encerra com citações já referidas na apresentação do texto e com várias outras distribuídas ao longo do trabalho, as acima inclusive, e mostra que elas têm caráter pictórico, simplificações com muitas distorções. Ele, porém, aponta que a alternativa é que as descrições convertam-se, como a matemática – o que seria lastimável - numa manipulação de símbolos sem sentido. Alerta, a propósito da **Grade**, que um investigador não pode construir seu microscópio, enquanto o está utilizando, porém pode adaptar seus poderes de observação aos defeitos do instrumento.

A Grade deve ser utilizada durante este período preparatório, não é um substituto da observação ou da psicanálise, senão o prelúdio de ambos.

Endereço do autor: jfontanari@terra.com.br